

Aprendizagem musical coletiva em sala de aula: um relato de experiência com alunos de instrumento

Thomáz Ribeiro Rocha

Universidade de Brasília
rocha.thomaz@gmail.com

Comunicação

Resumo: O presente artigo relata uma experiência profissional vinculada ao estágio supervisionado desenvolvido na Universidade de Brasília (UnB). O relato tem como objetivo descrever um modelo de aula coletiva tendo como foco a apreciação musical, execução e os processos de improvisação, criação e invenção de melodias e pequenas harmonias. Tais ações foram desenvolvidas com alunos de prática de conjunto com idades variando entre seis e dez anos. As experiências aqui descritas pautaram-se em criações de linhas melódicas para violino, trazendo elementos musicais que pudessem sobrepor para além de repetições de notas. Com esta proposta, os alunos compreenderam alguns elementos musicais e relações de composição, despertando interesse maior para as atividades musicais coletivas. Espero que este artigo possa fomentar o estudo e reflexões sobre improvisações e criações coletivas nas aulas de instrumento com alunos iniciantes.

Palavras-chave: aprendizagem coletiva, aulas de instrumento, criação musical, estágio docente.

Introdução

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências vividas durante minha atuação profissional e vinculada ao estágio docente da Universidade de Brasília (UnB), sob orientação da professora Dra. Francine Kemmer Cernev. Na universidade de Brasília, tem-se a possibilidade de desenvolver o projeto de estágio docente na prática profissional do estudante de graduação. Segundo o regulamento de estágio:

Os alunos que exercem docência regular e efetiva na Educação Básica no período de vigência das atividades do Estágio Supervisionado em Música deverão se matricular e participar normalmente na disciplina e poderão realizar sua prática de regência curricular ou extracurricular no seu contexto de trabalho. Neste caso essa prática deverá ser realizada no último nível de Estágio. (REGULAMENTO DE ESTÁGIO DOCENTE, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2013, p. 3)

Partindo deste regulamento, propus uma discussão crítica sobre minha atuação profissional no Conservatório de Música do Gama, em que já desenvolvo aulas de violino, viola e aulas coletivas há dois anos. Conciliar minhas experiências profissionais com as reflexões dos professores de estágio docente fizeram com que mudasse as minhas propostas de aula, pois fundamentavam-se apenas em conceitos elementares da música. Portanto, através da disciplina de estágio docente obtive uma visão mais ampla de como enriquecer minha atividade profissional.

O objetivo central desse projeto esteve direcionado em desenvolver atividades nas aulas de música com foco na improvisação, na criação e na invenção de melodias e pequenas harmonias, procurando assim simplificar o fazer musical através da improvisação em instrumentos como o violino, viola e piano sobretudo com crianças no início de seus estudos de instrumento. Para tal proposta foi analisado um grupo de estudantes de música entre os quais atuo profissionalmente.

O projeto foi desenvolvido em um conservatório de música vinculado à uma igreja situada na região do Gama, Distrito Federal. Esse trabalho foi realizado com quatro estudantes de violino, uma estudante de viola e uma estudante de piano, todos entre seis a dez anos de idade. Os estudantes observados frequentavam as aulas de instrumento há cerca de um ano antes do início da pesquisa. O nível de compreensão musical era aproximado entre os estudantes, classificados no nível básico, pois ainda estão em processo de conhecimento introdutório do instrumento e suas peculiaridades técnicas. As aulas de instrumentos aconteceram de forma individual e coletiva, duraram cerca de 45 minutos e foram realizadas uma vez por semana.

Perspectiva de um modelo de aula com foco na criação

Ao longo da minha trajetória de estudos na universidade e na prática profissional, tenho percebido que a parte de criação, invenção e composição é por muitas vezes ignorada no ensino de instrumentos, principalmente no ensino de cordas friccionadas. Nesse âmbito notei a ausência dessa prática nas aulas de música, principalmente com alunos iniciantes e em turmas de prática de conjunto, onde muitas vezes o foco está direcionado à repetição de notas e em sua performance. Na atual conjuntura do ensino de instrumentos percebe-se o grande foco em transferir conhecimento aos estudantes através de “ferramentas” como

elementos teórico-musicais. Métodos e metodologia apontam para essa camada de conhecimento musical e, que a cada dia, se desenvolve mais nesse âmbito.

Swanwick (2003, p. 59) nos alerta que, “muitos esquemas curriculares contém tentativas de focalizar as atividades recorrendo ao que se chama de “elementos” musicais, por exemplo, altura, duração, dinâmica, andamento, timbre, textura etc”. Partindo destas concepções, o autor nos convida a refletir sobre as nossas propostas de aula e quais objetivos estamos propondo aos estudantes.

Ao observar as tendências de ensino de instrumentos no Brasil, percebi a grande influência do método desenvolvido por Shinichi Suzuki na década de 1930 no Japão. As propostas do método de ensino de instrumentos, que fora desenvolvido por Suzuki, tem como objetivo alcançar o fazer musical por meio de repetições de notas e melodias. Conforme destaca o autor, “nós temos que praticar e educar nossos talentos, isto é, repetir as atividades até que elas aconteçam naturalmente, fácil e simplesmente” (SUZUKI, 2008, p. 59).

Ao refletir sobre esse pressuposto sugerido por Suzuki (2008), notamos a ausência de alguns fundamentos pedagógico-musicais. Fundamentos estes que não estejam alicerçados apenas em execução de repertório e, que seu resultado, não seja apenas um plano de ensino de instrumentos que visa apenas alcançar a memorização de uma melodia e obter conhecimento técnico do instrumento.

Também encontramos um outro segmento de proposta de ensino de instrumentos, criado por Paul Rolland, em que sua proposta está direcionada à reflexão da utilização do corpo como principal foco. Rolland(1974) utiliza a técnica de Alexander, onde almeja uma atividade motora que deve ser realizada com o mínimo de esforço e com um corpo bem equilibrado. O autor sugere pela troca de ênfase de alguns pressupostos que são sugeridos: em vez de ensino de notas e músicas, ensino dos fundamentos básicos do tocar (SALLES, 2014).

Assim como com o ensino de cordas, outros instrumentos também refletem a repetição sistematizada como uma prática corriqueira em sala de aula voltada à performance musical. É o caso, por exemplo, de Cerqueira (2009) ao relatar algumas características de aulas de piano que acabam sendo abordadas nas aulas de instrumento em geral e torna-se o centro do ensino de instrumento:

(...)as aulas coletivas de piano são ministradas como oficinas de Performance, voltadas à execução de repertório em público e discussão de idéias musicais e performáticas, seguindo pressupostos metodológicos que visam à formação de concertistas(CERQUEIRA, 2009, p. 131).

Analisando a literatura, percebemos que ainda nos dias atuais o sistema de ensino de instrumentos visa à formação de futuros concertistas, por conseguinte, o fazer musical fica condicionado à repetição de notas e de construção de técnica do instrumento. Desta forma, a proposta desta minha atuação profissional vinculada às reflexões trazidas pelo estágio docente vieram a (re)discutir a repetição tradicional já consolidada por muito educadores, trazendo outras propostas para a aprendizagem coletiva de instrumentos com alunos iniciantes.

A breve reflexão que proponho nesse artigo não está fundamentada em discutir elementos “negativos” de propostas de ensino de alguns métodos, mas como podemos desenvolver propostas de ensino de instrumento que transcenda o fazer musical, que por muitas vezes é embasado em diretrizes de métodos que não visam o fazer musical como um discurso musical. Sobretudo, desenvolver propostas embasadas em fundamentos pedagógicos-musicais.

De acordo com França e Swanwick (2002), para desenvolver uma proposta de aula abrangente, o alicerce dessa proposta deve estar fundamentada em apreciação, composição e execução. Embora alguns desses elementos estejam presentes em propostas de aulas de música atualmente, percebe-se a não valorização do fundamento composição. A falta de estímulo em propostas de aulas para o momento da criação, invenção e composição, torna o estudante menos criativo, pois não há estímulo para enxergá-lo como inventor. Propor ao estudante que ele crie com poucos conceitos pode ser o nosso maior desafio. Para tal circunstância, desenvolvi propostas que tivessem esse olhar mais pontual para os processos composicionais fundamentados em Swanwick para alunos iniciantes.

Organização, construção e estruturação das aulas de instrumentos

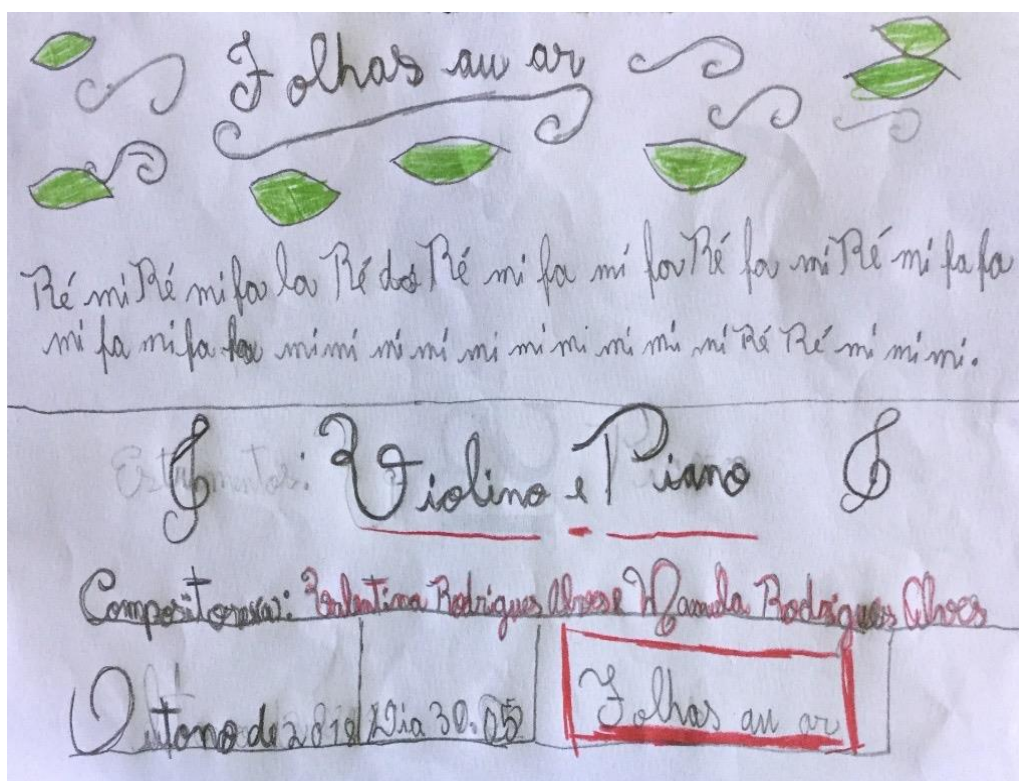
Para desenvolver tal proposta de ensino utilizei os fundamentos de Swanwick (1979) relacionados à criação, apreciação e execução musical. O autor acredita que uma aula de música deve ser desenvolvida através desses elementos. Assim, apresento o modelo de aulas utilizados com o grupo de estudantes do conservatório de música do Gama. Através

das reflexões apresentadas, é possível perceber que as propostas de aulas estão sendo aplicadas para aulas de ensino coletivo. A turma observada é heterogênea, pois tínhamos três instrumentos diferentes, piano, viola e violinos, em um único momento.

O período da aula coletiva era então distribuído em três momentos. O primeiro momento era destinado ao aquecimento em que tocávamos escalas em formato maior, menor, cromática e escala pentatônica. As escalas são aplicadas em diferentes variações rítmicas. O segundo momento tinha o foco na criação/improvisação, em que os estudantes denominaram como um momento de “fazer música”. Nessa situação, o estudante é considerado como um inventor, criando suas próprias músicas e expondo o que traz consigo de “bagagem” musical.

Após essas criações, os alunos buscavam, à sua maneira, registrar suas melodias, criando seus pequenos motivos e já eram convidados a contextualizar e refletir musicalmente sobre sua intenção musical. Swanwick (2003, p 24), comenta sobre a contextualização das nossas experiências e como as transcrevemos em nossas próprias imagens: “quando estamos pintando um quadro, improvisando em uma música, dançando ou reelaborando um poema, traduzimos experiências em imagens próprias”. Embora os estudantes tenham algumas orientações, eles procuravam registrar de alguma forma suas experiências adquiridas.

FIGURA 1 – Registro de criação realizado em sala de aula por uma das alunas.



Fonte: Autor.

Especialmente, este segundo momento acaba tornando-se um “pivô” para os demais momentos, pois os estudantes adoram também fazer suas próprias grafias musicais, uma vez que possuem liberdade para criar, inventar e elaborar suas próprias músicas. Como resultado dessas criações, estamos registrando essas músicas criadas também através de vídeos e com a nota tradicional, como pode ser observado na figura 2.

FIGURA 2: Registro de composição criado por duas estudantes paraviolinista e piano. No processo de transcrição realizado pelo professor, as estudantes resolveram mudar o nome da música.

1

Folhas ao Vento

Música para aula de Criação Turminha Alfa

Manu e Valentina
Lyricist: 13/06/2018

$\text{♩} = 60$

Violin

Grand Piano

mf

mp

mp

p

p

p

p

4

7

10

Vln.

Pno.

Vln.

Pno.

Vln.

Pno.

Fonte: Autor.

Através dessa prática, percebi o quão importante é o momento da criação, pois os estudantes demonstram maior interesse no *fazer musical*, percebe-se o prazer em estudar música. Através destas experiências, desde então tenho separado um momento para criação

coletiva em sala de aula, onde cada aluno pode sugerir alguma coisa e juntos construímos uma música. Nesse momento, utilizo alguns recursos eletrônicos e me apoio nas tecnologias digitais, escrevendo as sugestões no computador ou tablet, para que eles possam ter uma visão concreta do estão escrevendo no momento da própria aula.

FIGURA 3: Registro de Criação desenvolvido no momento das aulas, coletivamente.

The image shows a musical score for a piece titled "Turminha Alfa" with the subtitle "Criação coletiva de música". The tempo is marked as "♩ = 70". The score is for three parts: Violin 1, Violin 2, and Grand Piano. It is divided into three systems, numbered 1, 2, and 3. The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 4/4. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and bar lines. The title "Turminha Alfa" is written in a stylized, handwritten font at the top. Below the title, it says "Criação coletiva de música" and "Composição dos estudantes da turminha Alfa".

Fonte: Autor.

O terceiro momento do trabalho desenvolvido com essa turma é direcionado à apreciação musical e, consecutivamente, desenvolvemos uma música para apresentação. Assim, proponho a escuta de uma música que executaremos em uma apresentação ao término de um mês de aula, aproximadamente após quatro aulas coletivas por mês. Pesquisamos sobre o autor que escreveu a música e através de livros ilustrados. Também apreciamos diferentes apresentações da respectiva música no site do YouTube. Após o momento de apreciação, verificamos como estas músicas foram compostas a partir das análises que os próprios alunos entendem da linhagem musical para posteriormente partirmos para a execução. É notável o quanto esses pressupostos, apreciação, criação e execução, estão relacionados entre si e permitem que o estudante tenham mais prazer e criatividade para desenvolver sua performance musical.

Reflexões finais

É importante ressaltar que iniciar um espaço para o momento da criação pode ser algo distante para alguns professores pois na formação de ser professor e instrumentista, percebemos o quão distante é o incentivo à atividades voltadas para a criação, principalmente quando pensamos na performance de alunos iniciantes de cordas. Portanto, para tornar essa prática mais próxima à realidade dos estudantes, é importante que possamos discutir na Universidade propostas e estímulo para execução de tal ferramenta pedagógica.

Através da disciplina de Estágio Supervisionado em Música ofertada pela Universidade de Brasília, fui incitado a refletir sobre a minha prática profissional e foi possível realizar um momento diferenciado nas minhas práticas profissionais onde o incentivo foi um fator determinante para desenvolver propostas de aula com mais aprofundamento em elementos que anteriormente, eram distantes em minha prática profissional.

Através da prática do estágio voltado à minha atuação profissional, percebi que o estudante deve ser tratado como inventor, abrindo espaço para expor suas ideias e seu potencial criativo. Pude perceber o quão empolgados estes alunos ficaram em criar, compor, inventar, executar e apreciar suas composições e as composições de seus colegas. A criação é algo que torna o fazer musical mais prazeroso para os estudantes e, assim, apreciam e executam suas criações com mais entusiasmo. Não importa se o estudante saiba executar apenas uma nota, mas que o professor proporcione ferramentas para tornar essa única nota em uma parte importante na construção da aprendizagem dos alunos.

Referências

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Revista Em Pauta*. Porto Alegre, vol.13, n.21, p.5-41, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8526/4948>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

LEMO CERQUEIRA, Daniel. O arranjo como ferramenta pedagógica no ensino coletivo de piano. *Revista Música Hodie*, v. 9, n. 1, ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/10744>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

SALLES, Mariana Isdebski. Proposta de ensino para professores Suzuki - com inclusão de princípios dos métodos de Paul Rolland, Kató Havas e da pedagogia Waldorf. *Anais do congresso da associação brasileira de performance musical (abrapem)*. Victoria, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/abrapem/article/view/7541/5315>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor: um novo método de educação*. Tradução de Anne Corinna Gottber. 2ª edição. Santa Maria: Pallotti, 1994.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.

_____. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.